

Tu me ensina a fazer renda que eu te ensino a... inovar

um estudo do processo de constituir-se rendeira à luz da psicologia histórico-cultural

Andréa Vieira Zanella
Gabriela Balbinot
Renata Susan Pereira

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

ZANELLA, AV., BALBINOT, G., and PEREIRA, RS. Tu me ensina a fazer renda que eu te ensino a... inovar: um estudo do processo de constituir-se rendeira à luz da psicologia histórico-cultural. SILVEIRA, AF., *et al.*, org. *Cidadania e participação social* [online]. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2008. pp. 168-179. ISBN: 978-85-99662-88-5. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>.



All the contents of this chapter, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-NonCommercial-ShareAlike 3.0 Unported.

Todo o conteúdo deste capítulo, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição - Uso Não Comercial - Partilha nos Mesmos Termos 3.0 Não adaptada.

Todo el contenido de este capítulo, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-NoComercial-CompartirIgual 3.0 Unported.

Tu me ensina a fazer renda que eu te ensino a... inovar: um estudo do processo de constituir-se rendeira à luz da psicologia histórico-cultural

*Andréa Vieira Zanella*¹

*Gabriela Balbinot*²

*Renata Susan Pereira*³

O processo de constituição do sujeito consiste no foco de investigação do projeto de pesquisa que as autoras vêm desenvolvendo desde agosto de 1997. Como parte das discussões que estão sendo tecidas, no presente artigo, são apresentadas reflexões oriundas da análise de entrevistas realizadas com um sujeito aprendiz de renda de bilro.

O processo de aproximação desse sujeito em relação à atividade nos permite visualizar o movimento dinâmico de produção/transformação/apropriação das significações relacionadas ao produto do fazer renda, constituindo-se, desse modo, como oportunidade ímpar que contribui para a compreensão da temática citada.

Entendendo-se que: 1) o sujeito se constitui no processo de apropriação das significações da realidade, 2) a produção destes significados se dá nas interações sociais, 3) a cultura consiste nessa ordem simbólica através da qual o homem representa o mundo, os outros e a si mesmo e 4) a atividade humana promove tanto a transformação do objeto quanto do sujeito da ação; analisamos neste artigo o embate entre o tradicional e o novo no processo de confecção da renda de bilro, donde emergem aspectos relacionados à criatividade/inação, a conformismo e resistência, à cultura popular, bem como à arte.

Para começo de conversa, algumas considerações teóricas

No cancionário popular, a música “Mulher Rendeira” é bastante conhecida. Importante registro da cultura brasileira, além de resgatar uma prática que é desenvolvida em diversas regiões do país a música veicula a

¹ Doutora em Psicologia da Educação pela PUC-SP, professora do Departamento de Psicologia da UFSC, pesquisadora do CNPq.

² Acadêmica do curso de Psicologia da UFSC, bolsista PIBIC/CNPq.

³ Acadêmica do curso de Psicologia da UFSC, bolsista PIBIC/CNPq.

ideia da troca de experiências: “*Tu me ensina a fazer renda que eu te ensino a namorar*”.

A analogia à música que intitula este trabalho opera no campo dialógico das histórias de vida dos sujeitos, tecidas via atividades específicas em que se engajam. O paradoxo analógico que procuramos criar refere-se, especificamente, à problematização desta “troca” de saberes – *fazer renda e namorar* – pela interlocução *saber fazer renda e inovar*, uma vez que a primeira apresenta esferas sociais a princípio disjuntas, enquanto que a segunda refere-se a dimensões de uma mesma atividade, desenvolvida por um sujeito da Ilha de Santa Catarina, que será aqui analisada.

À luz da Psicologia Histórico-Cultural, esta troca de saberes/fazer, tecida no espaço interpsicológico, consiste no locus do processo de constituição do sujeito (vide Góes, 1992; Molon, 1995), o qual será aqui abordado, via análise da apropriação das significações veiculadas/produzidas em relação ao produto de uma determinada atividade, o fazer renda de bilro.

Por que estudar a constituição do sujeito numa atividade específica? Isto decorre do fato de nos embasarmos no pressuposto marxista de que o homem, ao transformar a natureza, transforma a si próprio, numa relação dialética. Esse aparente paradoxo decorre do caráter mediado da atividade: sendo humana, necessariamente pressupõe a utilização de instrumentos, sejam técnicos e/ou semióticos, os quais possibilitam a comunicação entre os diferentes sujeitos, do sujeito com ele mesmo e deste com a realidade. Deste modo, destaca-se que as características social e instrumental da atividade humana conferem-lhe sua qualidade produtora, ou seja, de possibilitar a transformação simultânea do objeto e do sujeito da ação (Pino, 1995, 32).

Por sua vez, sendo a atividade humana semioticamente mediada, a teoria de Vygotski aponta para o fato de que as funções psicológicas têm sua origem nas relações sociais, posto que é no contexto dessas relações que o sujeito constitui suas formas de ação e sua consciência (Pino, 1991; Góes, 1991; Góes, 1992).

Ao agir sobre o meio – seja físico ou social – o homem produz e se apropria das significações desse agir. Essas significações, por sua vez, resultam do embate produzido nas relações sociais, sempre e

necessariamente dialógicas. Ao falar sobre esta questão, Bakhtin (1997) e Vygotski (1992) destacam que as significações emergem das interações sociais, das relações eu-outro, caracterizando-se esse outro como “parceiro perpétuo do eu na vida psíquica” (Wallon, *apud* Góes, 1991). As significações, portanto, são resultantes das trocas entre diferentes sujeitos em contextos específicos, sendo marcadas tanto pelas histórias de cada um quanto do contexto e do grupo social ao qual pertencem. Desse modo, para que as significações possam ser compreendidas, é preciso que se contextualize a enunciação, a situação histórica e social, as ideologias que perpassam a fala e a entonação expressiva; enfim, é preciso localizar a enunciação particular no todo das relações sociais (Bakhtin, 1997).

Assim sendo, destaca-se que o sujeito apropria-se não da realidade em si, mas de suas significações. As significações são produzidas na esfera social, isto é, “(...) a significação pertence à ordem da intersubjetividade anônima, em que, ao mesmo tempo que é por ela constituída, é constituinte de toda a subjetividade” (Pino, 1992, p. 322). A apropriação, portanto, se dá pelo sujeito via síntese e resignificação que faz do que circula no seu universo cultural (Pino, 1993).

Ao falar sobre este universo, necessário se faz ressaltar que o campo semântico da palavra cultura é bastante extenso, tendo em vista as inúmeras definições deste conceito. No presente trabalho, entende-se cultura como

... relação material determinada dos sujeitos sociais com as condições dadas ou produzidas por eles.. (Chauí, 1996, 13/14).

Neste sentido, tudo que é cultural diz respeito ao humano, à forma como os homens organizam o seu próprio viver e representam simbolicamente a si mesmos e ao mundo. Enquanto categoria histórica, a cultura consiste em

um processo dinâmico; transformações (positivas) ocorrem, mesmo quando intencionalmente se visa congelar o tradicional para impedir a sua deterioração. É possível preservar os objetos, os gestos, as palavras, os movimentos, as características plásticas exteriores, mas não se consegue evitar a mudança de significado que ocorre no momento em que se altera o contexto em que os eventos culturais são produzidos (Arantes, 1982, 21).

Afirma-se assim o caráter dinâmico da cultura, pois mudanças inexoravelmente acontecem devido ao fato das circunstâncias estarem em permanente transformação. Consequentemente, demarca-se aqui a contraposição à noção de “cultura popular” como sinônimo de “tradição”, de algo que se perpetua a despeito das transformações socialmente produzidas.

Eis outro paradoxo: transformações acontecem sempre; mas há, no entanto, algo que se preserva, embora não de forma estanque, que identifica um determinado grupo social, pois

Embora se procure ser fiel à tradição, ao passado, e impossível deixar de agregar novos significados e conotações ao que se tenta reconstituir (Arantes, 1981, 19).

A tentativa de manter as manifestações culturais da mesma forma que se deram no passado significa, portanto, querer reavivar algo que está supostamente morto. Há, no entanto, uma impossibilidade de se manter estas manifestações intactas pelo fato de que elas só existem pela/na presença dos homens e estes, por sua vez, constantemente ressignificam o mundo, ainda que na tentativa de mantê-lo intacto.

O sujeito – a atividade – o contexto...

As análises aqui apresentadas pautaram-se em entrevistas semiestruturadas feitas com um sujeito aprendiz de renda. Este sujeito, apesar de ter nascido no seio de um grupo rendeiro da Ilha de Santa Catarina, faz um movimento de distanciar-se da atividade e, mais tarde, procura retomar alguns dos aspectos relacionados a esta, bem como a sua história de vida. Assim, matricula-se em uma Oficina de Renda de Bilro e reaproxima-se, decorridos mais de quinze anos, da atividade de fazer renda.

Entendendo que as significações são apropriadas pelo sujeito de forma singularizada a partir dos significados socialmente partilhados, que emergem das relações sociais, necessário se faz resgatar, ainda que brevemente, a história do sujeito, a dimensão social desta atividade e as relações que esta tem com aqueles que compartilham/produzem significados.

A renda de bilro chegou a Florianópolis no final do século XVIII, quando da chegada dos açorianos ao sul brasileiro. Realizada no âmbito

doméstico, a atividade de fazer renda⁴ era importante fator de constituição do papel de gênero feminino (conforme Beck, analisado por Zanella, 1997) e seu produto restringia-se a enfeitar casas e igrejas.

Com o desenvolvimento do turismo, este artesanato passou a ser valorizado/destacado para além do âmbito doméstico, o que já vinha acontecendo de forma tímida em décadas anteriores. Componente do folclore local, a renda começa, assim, a estabelecer-se no contexto econômico e a atividade é resignificada: de artesanato feito preferencialmente por lazer passa a ser uma atividade geradora de mercadorias para comercialização. Neste contexto, a renda de bilro passa a complementar a renda familiar e em alguns casos garante a independência financeira da mulher.

As inúmeras transformações que a renda vem sofrendo nas últimas décadas, em virtude de todo um processo econômico caracterizado pela busca do lucro a partir da máxima produção e do mínimo tempo gasto para isso, acabou por manter as rendeiras presas de certo modo às amarras do capital⁵ (Zanella, 1997). Devido a este fato, alguns aspectos que antes apareciam como características marcantes da renda passam a ser alterados, de forma a possibilitar maior agilidade na confecção das peças: o número de pares de bilros utilizados para armar e tecer a renda foi reduzido, assim como os tipos mais complicados – em termos de detalhes – de rendas e piques deixaram de ser confeccionados. Desse modo, com as transformações sociais, modelos diferentes de renda foram criados, atendendo à demanda dos modos de produção capitalista existente na sociedade em que se inserem; em compensação, muitas rendas antigas deixaram de ser tecidas.

Quanto ao sujeito investigado, Nice retoma a atividade de fazer renda de bilro motivada por uma necessidade relacionada ao trabalho que

⁴ No contexto em que focalizamos nossas análises, a renda é feita através de fios de algodão enrolados nas extremidades dos bilros (pequenas peças de madeira cujo formato lembra uma pera) que, por sua vez, vão sendo trançados de modo a formar desenhos. Tem-se também como instrumentos mediadores da atividade: 1) o pique (papelão furado e algumas vezes desenhado com a forma da renda a ser produzida), 2) uma almofada (na qual se anexa o pique) e 3) alfinetes (para pregar os pontos).

⁵ É notório o fato de que a confecção de uma peça em renda de bilro é tarefa demorada e complexa, sendo o retorno financeiro oriundo de sua comercialização pequeno e nem sempre garantido.

desenvolvia junto a uma entidade cultural, enquanto funcionária da Prefeitura de Florianópolis. A seleção deste sujeito para a realização da pesquisa deve-se à peculiaridade de sua condição, de acordo com as seguintes observações: Nice é a única mulher de sua família que não aprendeu a atividade enquanto criança.⁶ O pertencer a uma família eminentemente rendeira e vir a aprender a atividade num contexto escolar, quando adulta, torna sua história *sui generis* neste contexto. Em meio a estas circunstâncias, Nice apropria-se das significações da atividade não apenas como forma de preservar as tradições de sua família e comunidade, mas como elemento que a insere em um grupo social determinado, como atividade que reporta à sua história e por cujo intermédio são veiculados sentidos prenhes de afetos.

Neste processo, ao aprender a fazer renda de bilro, Nice apropria-se da cultura e, concomitantemente, imprime a esta sua marca singular. Esta dimensão ativa do sujeito apresenta-se de forma explícita em seu caso, pois ao aprender a confeccionar a renda de bilro ela não só reproduz os modelos de renda a que tem acesso como procura inovar esta atividade, resignificando-a.

Este movimento de resignificar o fazer renda acontece em duas vertentes, que se inter-relacionam:

1) Quanto à materialidade técnica:

1.1 – via utilização da reciclagem de fios: Nice faz uso de pedaços de fios anteriormente utilizados para fazer emendas em seu tecer. Sem preocupar-se com o número de nós que acabam por ficar aparentes em seus trabalhos inovadores. Por este fato, ela é muito criticada pelas demais rendeiras pois os critérios eletivos de “bons” trabalhos em renda de bilro incluem ocultar, nas peças confeccionadas, tais detalhes.

1.2 – introdução de novas cores, ao invés de trabalhar com cores neutras, como se vê na absoluta maioria dos trabalhos das rendeiras da Ilha de Santa Catarina atualmente.

⁶ Necessário destacar que, na Ilha de Santa Catarina, a renda era considerada pelos imigrantes açorianos como atividade exclusivamente feminina, sendo o homem responsável pela pesca (vide Beck, 1982).

2) Quanto ao resultado do trabalho, que implica transformação semiótica via reedição do uso, ou seja, produção de peças para ornamentação do próprio corpo e do corpo dos outros.

Ainda que a confecção de peças de vestuário não seja propriamente uma novidade para as rendeiras tradicionais, posto que algumas confeccionam xales, saídas de praia e outras peças, Nice inova ao confeccionar o que até então não existia: são porta-patuás (que podem ser usados independente do sexo); porta-canetas; roupas para bonecas; saias, bolsas e tops femininos. Inclui-se nesta lista uma tentativa de confecção de pequenas peças de renda que seriam transformadas em porta-copos com o uso de uma resina específica, projeto este abandonado.

Necessário destacar que as produções de Nice não surgem repentinamente, elas têm uma história que as precede e as situa: as bolsas, saias, porta-canetas significam, isto é, estas peças mostram que a invenção pode se dar pelo e no tradicional e esta tensão novo-tradicional é o que mantém a atividade viva. O original, portanto, sustenta-se no existente, pois

...en la vida que nos rodea cada día existen todas las premisas necesarias para crear y todo lo que excede del marco de la rutina encerrando siquiera una mínima partícula de novedad tiene su origen en el proceso creador del ser humano (Vygotski, 1990, 11)

... Retornando do contexto ao texto

Pelo exposto, entende-se que o fazer renda e o produto desta atividade não podem ser vistos como mera ação e objeto respectivamente, pois veiculam significados, ou seja, carregam “... fragmentos de um código com o qual se constroem afirmações metafóricas a respeito das relações sociais vigentes” (Arantes, 1982, 28). Neste sentido, ao redimensionar alguns aspectos do fazer renda e do quê-fazer-com-a-renda, Nice coloca na *arena* da intersubjetividade algo que é heterogêneo, que escapa à tendência supostamente homogeneizadora do grupo social com o qual convive.

Por que Nice assume esse lugar de “inovadora”? Ou melhor, por que ela e não outra das rendeiras envolvidas cotidianamente com a atividade?

Considerando que a constituição do sujeito se dá no espaço intersubjetivo, já que não há nada que exista para aquele que não tenha sido produzido no contexto das relações sociais (Vygotski, 1992), das relações

Eu-Outro, é necessário destacar que o contexto em que Nice se insere e desenvolve suas criações enfatiza o trabalho personalizado: formada em biblioteconomia, vem frequentando aulas em um curso superior de artes. Desse modo, encontra-se imersa em um contexto que incentiva o original, marca inexorável da era em que vivemos – o apelo à diferença, à criatividade como condição para se conseguir um lugar no mundo do trabalho.

Uma pergunta fica, no entanto, pairando no ar... Será que essa conversa tão rica em metáforas que Nice é capaz de travar com a tradição deve, necessariamente, ser identificada como pertencente a extremos positivos ou negativos, no entendimento de seu percurso na atividade? Se procuramos entender mais profundamente esse “inovar” que Nice propõe à renda, chegamos a uma encruzilhada: seriam os incrementos, as mudanças, enfim, o novo olhar de Nice, uma tentativa ao mesmo tempo concreta e metafórica de reafirmar a tradição? Ou seria uma maneira de transformar a atividade, resistindo ao fazer secular que até hoje, salvo algumas mudanças, vem norteando os iniciados nesse render ilhéu?

Com essas transformações, Nice mostra que, para ela, continuar a tradição não necessariamente implica em repeti-la, numa perspectiva conformista, mas também contradizê-la, transformá-la, constituindo-se este movimento como resistência ao desaparecimento da atividade e de seu produto. Porém, apesar das inovações, as peças confeccionadas por Nice mantêm a tradição da atividade da renda de bilro, posto que estas são tecidas com os mesmos pontos e instrumentos (bilros, almofada, pique e alfinetes) que as mulheres açorianas o faziam nos imemorráveis tempos da imigração. Concomitantemente, encerram em sua forma a inventividade desta autora que vive em um contexto que incentiva novo, a criatividade. Suas produções, portanto, não expressam o “eu profundo do artista”, numa visão romântica como critica Frayse-Pereira (1994), mas expressam sim o contexto histórico e cultural de onde emergem. A produção de tais peças é um fazer que se realiza via imaginação e criação do produto.

As novas possibilidades da renda de bilro atualizam a atividade fazendo com que ela corresponda às necessidades contemporâneas, deixando de lado o caráter de reprodução do que teria tido, em outra época, seu momento áureo.

Desse modo, as peças produzidas por Nice são personalizadas, carregam consigo uma nova perspectiva da renda de bilro e materializam as

convicções de um sujeito que pretende ao mesmo tempo inovar e manter a tradição. Os interesses da artesã, portanto, estão postos nas suas peças, que, por sua vez, não são tradicionais, embora contribuam para a preservação da atividade.

Assim, ao compartilhar a linguagem com seus interlocutores na renda, Nice aproxima-se deles e também se distancia, uma vez que, fazendo uso de elementos que se encontravam “disseminados” naquele contexto, foi possível a ela uni-las, sintetizando e resignificando-os que possibilitou, por seu turno, concretizar trabalhos até então inéditos na atividade.

Por sua vez, ao ver a renda com outros olhos, este sujeito não é reconhecido pelas rendeiras tradicionais e nem mesmo por seus familiares, como parte integrante deste grupo. Porém, eis aqui um outro paradoxo: essas mesmas rendeiras que a questionam pelas modificações que imprime à renda, também produziram transformações na atividade quando do incremento da produção, via confecção de peças para comercialização, conforme anteriormente relatado (uma discussão mais aprofundada dessa questão encontra-se em Balbinot, Pereira, Zanella, 1998).

O fato de não ser reconhecida enquanto rendeira, no entanto, não impede Nice de se reconhecer como tal e de continuar com o seu propósito de ver/trabalhar a renda de bilro “sob um novo olhar”. As mudanças que imprime à atividade são justificadas por ela mesma pelo fato de querer que um número maior de pessoas tenha contato com a renda. Entende que esta é mais uma forma de divulgar a atividade e, talvez, despertar o interesse da comunidade em aprendê-la.

A crítica que Nice recebe de sua família remete ao fato de que “deturpa” a atividade, modificando a forma de apresentação de seu produto. Assim, essa inovação, que podemos entender como a expressão da criatividade que leva a produzir o inesperado, configura a resistência, por parte do sujeito, em manter a renda presa às amarras do passado. Esse movimento de Nice, aparentemente singular, é concomitantemente coletivo, pois, segundo Arantes (1982, 45), a sociedade em que vivemos, com sua estrutura de classes, cria mecanismos “homogeneizadores” que nos dão a ilusão de harmonia e unidade. Porém, esta mesma sociedade é marcada pela contradição e heterogeneidade que resistem a estes mecanismos.

Entender Nice como um sujeito que imprime um movimento a favor da *renda sob um novo olhar* é considerá-la enquanto elemento de resistência ao grupo rendeiro. No entanto, ao fazer da renda um instrumento mediador entre a atividade em sua concretude e a manutenção do universo de significados que veicula, Nice trabalha a favor da tradição, somando forças com o grupo para não deixar a renda cair no esquecimento. Está posta a ambiguidade conformismo/resistência

É necessário destacar, neste movimento, o que se entende por tradição: algo imutável? Pensando na renda e na família de Nice, que resiste às suas inovações, será que a mesma apenas reproduz modelos de renda? Apesar da crítica feita pelas rendeiras mais antigas às inovações na confecção, é preciso lembrar que o que as mesmas fazem não se trata de mera reprodução, pois para sustentar a família com o dinheiro oriundo da venda das rendas, historicamente estas mulheres criaram algumas estratégias para confeccionar mais peças em menor tempo. Logo, essas mesmas rendeiras que não aceitam as modificações consideradas revolucionárias, introduzidas por Nice, também modificaram a atividade a seu modo e motivadas por interesses/necessidades específicas. Além disso, essas mesmas rendeiras ainda hoje resistem ao continuarem confeccionando a renda que gera tão pouca renda, pois esta é, do ponto de vista financeiro, pouco recompensadora (Zanella, 1997). O conformismo e a resistência, portanto, se fazem presentes tanto na família de Nice como nela própria.

Desse modo, do embate entre o tradicional e o novo resulta uma tensão, que Chauí denomina como crise, entendendo-se esta como: “contradição latente que se manifesta pelo processo histórico” (Chauí, 1996). Logo, esta não é repentina, pois reflete a contradição da sociedade, sendo que a incorporação do novo faz parte do embate entre estabilidade e mudança.

Entendendo este espaço do confronto entre aquilo que é negado e afirmado, do complexo, do paradoxal, do ambíguo e até mesmo do heterogêneo como o cenário em que os atores deste teatro social ocupam diferentes lugares, torna-se evidente o fato de que Nice tem atitudes que tanto remetem a algo que se pode ousar denominar arte, quanto representam um continuar resistindo à extinção da renda, enquanto atividade artesanal, como cultura popular.

Dado que “...a cultura não é anterior à produção material da existência dos homens, nem lhe é posterior (como uma consequência

fortuita)...” (Arantes,1982, 57) e que “...a partir de uma linguagem muitas vezes comum a todos os membros de um grupo social diferenciado, expressam-se compreensões variadas e às vezes conflitantes acerca de questões sociais fundamentais” (*ibid.* p.36), entende-se, na história de Nice, um núcleo de tensão simultaneamente mantenedor e desorganizador da ordem do grupo ao qual pertence.

Em suma: a análise que aqui apresentamos não se pauta, diretamente, nos objetos das produções humanas, mas sim no “fazer/ criar do sujeito”. É, pois, a sua ação que constitui o foco deste estudo. Todavia, levando-se em conta que as produções do sujeito materializam sua subjetividade (Pino, 1995), estudar tais objetos é uma das formas de entender como se dá o processo de constituição do sujeito. Na situação em questão, é possível resgatar algumas das significações da realidade de que o sujeito se apropriou e o que resignificou. Seu desejo de aprender a atividade não se restringiu ao *saber fazer*, pois seus sentimentos e sua história fazem com que contribua incisivamente para a sobrevivência da renda. A sua preocupação é muito mais ampla, ela fala de um “envolvimento” com a atividade. Para este sujeito esta atividade tem significado faz parte de sua vida – e isto é demonstrado pelo seu fazer, que retira da renda de bilro o caráter de aparente estagnação que lhe tem sido atribuído.

A investigação realizada permite, pois, pensar o processo de constituição do sujeito a partir de categorias como *conformismo* e *resistência*, tão bem abordados por Chauí. Acredita-se que as ressignificações feitas a partir do movimento deste sujeito, embora aparentemente singulares, permitem pensar novas formas de abordar a temática com vistas a buscar compreendê-la em sua complexidade.

Referências bibliográficas

- ARANTES, C.A. *O que é cultura popular* São Paulo: Brasiliense,1990.
- BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e Filosofia da linguagem*. São Paulo: Hucitec, 1997.
- BALBINOT, G.; PEREIRA, R. S.; ZANELLA, A V. *A renda que enreda: analisando o processo de constituir-se rendeira*. 1998, no prelo.

- BECK, A.; COSTA, C.M.; TORRENS, J.C.; LACERDA, E.P. *Roça, Pesca, Renda: trabalho feminino e reprodução familiar*. Boletim de Ciências Sociais, n. 23. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1982.
- CHAUÍ, M. *Conformismo e resistência: aspectos da cultura popular no Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 1996.
- GÓES, Maria Cecília de Rafael. *A natureza social do desenvolvimento psicológico*. Cadernos CEDES, Campinas, n.24, p.17-24, 1991.
- PINO, Angel. *O Conceito de Mediação Semiótica em Vygotsky e seu Papel na Explicação do Psiquismo Humano*. Cadernos CEDES, Campinas, n. 24, p. 32-43, 1991.
- _____. *As Categorias de Público e Privado na Análise do Processo de Internalização*. Educação e Sociedade, Campinas, n. 42, p.315-327, agosto/92.
- _____. *Processos de Significação e Constituição do Sujeito*. Temas em Psicologia, Campinas, n. 1, p.17-24 1993.
- _____. *Semiótica e Cognição na Perspectiva Histórico-Cultural*. *Temas em Psicologia*. Ribeirão Preto, n. 2, p.31-39, 1995.
- VYGOTSKI, Lev Semionovich. *Obras Escogidas*. Madrid: Visor Distribuciones, 1992. vol. 3.
- ZANELLA, Andréa Vieira *O Ensinar e o Aprender a Fazer Renda: estudo sobre a apropriação da atividade na perspectiva histórico-cultural*. São Paulo, 1997. Tese de doutoramento em Psicologia da Educação – apresentada à Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.